

Condução do governo da pandemia é reprovada por metade dos brasileiros

Mais pobres, mulheres, jovens, negros e católicos são os mais críticos



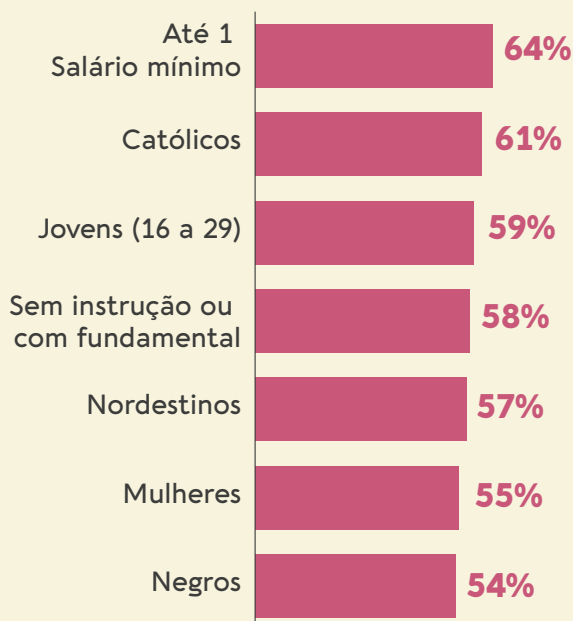
“O #EleNão, movimento e manifestação histórica no Brasil liderada por mulheres, em repúdio ao candidato a presidente Jair Bolsonaro (posteriormente eleito), foi um marco importante, indicando um novo ciclo político do feminismo no país”, afirma Maria Angélica Minhoto, uma das coordenadoras do SoU_Ciência. Desde então, as pesquisas nacionais de opinião pública têm identificado um marcante contraste entre as percepções de homens e mulheres sobre o atual governo e a intenção de voto, e também sobre a pandemia.

Recente levantamento nacional de opinião pública do Centro SoU_Ciência, em parceria com o Ideia Big Data, aplicado em julho de 2022, confirmou tal tendência ao indagar sobre a condução do governo federal na defesa da população brasileira diante da pandemia da Covid-19. Os dados coletados indicam que 35% dos homens avaliam como boa ou ótima a condução do governo, em contraste a 20% das mulheres. A pesquisa também constatou que a maioria das mulheres (55%) consideram que a condução do governo foi ruim ou péssima, frente a um percentual menor que a metade dos homens (43%).

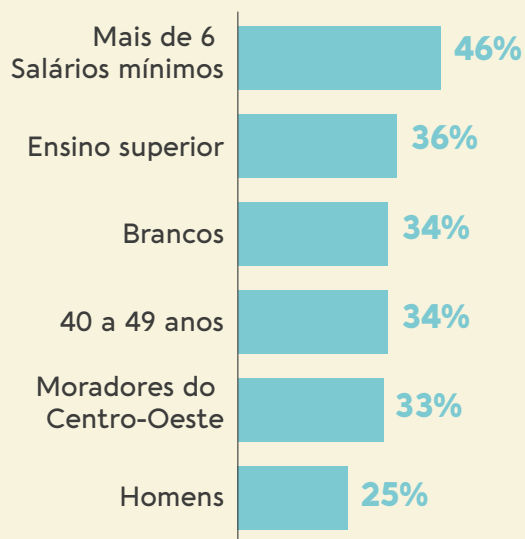
Pedro Arantes, outro coordenador do SoU_Ciência, destaca a posição dos católicos: “entre cristãos, há clara diferença entre a leitura da realidade social que está sendo feita por católicos e evangélicos. 61% dos católicos consideram a condução do governo na pandemia desastrosa, contra apenas 32% dos evangélicos, quase a metade dos primeiros. A leitura pode ser influenciada pelo cenário eleitoral, mas não só. O cristianismo tem como um dos seus valores mais importantes a defesa da vida, e estamos diante de um regime de necropolítica. Para um cristão, se posicionar nesse momento é fundamental, mas entre evangélicos, outros valores têm prevalecido, como o conservadorismo moral.”



Segmentos que concentram avaliação mais crítica da condução do governo na pandemia (ruim ou péssimo)



Segmentos que concentram avaliação mais positiva da condução do governo na pandemia (ótimo ou bom)



A melhor avaliação do governo na condução da pandemia advém dos segmentos: homens, brancos, com mais de 40 anos, moradores do Centro-Oeste, evangélicos, de nível superior, com mais de 6 SM. Além, evidentemente, dos eleitores de Bolsonaro: 74% consideram a condução na pandemia ótima e boa, contra menos de 2% de aprovação entre eleitores de Lula. Já entre eleitores de Ciro, 43% consideram a condução regular.



A condução do governo na pandemia e sua relação com a intenção de voto

Avaliam a condução do governo na pandemia como **ótima e boa**



Os dados do levantamento mostram que a polarização política na sociedade brasileira tem marcadores de classe, gênero, raça, religião e faixa etária importantes. Chama a atenção, dentre os dados que já apresentamos, que 46% dos mais ricos consideram a atuação do governo como boa ou ótima, diante de apenas 14% dos entrevistados com até 1 SM. Segundo Pedro Arantes, essa diferença de percepção é decorrente das diferentes condições socioeconômicas: “Os mais ricos tiveram como se proteger melhor na pandemia, pois moram melhor, puderam em geral trabalhar em home office e receber em casa por entrega o que necessitavam. As pessoas mais pobres foram as mais expostas, mais penalizadas com perda da renda, com a volta da fome, com a falta de espaço adequado para ficarem isoladas em casa, com as dificuldades de estrutura para suas crianças estudarem online”. O SoU_Ciência indica no seu painel “Universidades Federais em Defesa da Vida” uma série de pesquisas socioeconômicas sobre o impacto da pandemia, realizadas por diversas universidades federais (souciencia.unifesp.br/paineis/universidadesemdefesadavida/).

Além do marcador de classe e renda, o de gênero foi também determinante. Segundo Maria Angélica, “Sabemos que a pandemia afetou principalmente as mulheres, tirou emprego e renda, levou ao acúmulo de trabalho em casa e nos cuidados de filhos e idosos, potencializou o trabalho não-remunerado, o aumento da violência de gênero, entre outros problemas não enfrentados e inadequadamente tratados pelo atual governo”.

Também os jovens foram alvo de grande sofrimento, pelos impactos nas escolas, pelo aprofundamento da precarização (uberização) do trabalho, pelo isolamento, pela falta de emprego e perspectiva de futuro, como já abordamos anteriormente (souciencia.unifesp.br/destaques/sociedade-fala/qual-futuro-1-3-dos-jovens-estao-sem-perspectiva).

Os resultados da pesquisa indicam que essa realidade tão trágica claramente impacta de forma desigual na percepção pública e na avaliação crítica do atual governo.

NOTA METODOLÓGICA

A pesquisa telefônica foi realizada em duas rodadas, nos dias 27 de julho e 10 de agosto de 2022, com 1200 respondentes, entre homens e mulheres residentes em todas as regiões do Brasil, com idade igual ou superior a 16 anos, de diferentes escolaridades, raça/cor, renda e classe social. A amostra seguiu cotas variáveis, segundo distribuição da população por região e com proporções definidas com base nas pesquisas Pnad 2021 e Censo 2010/IBGE. Pesquisa com grau de confiança igual a 95% e margem de erro máxima prevista de aproximadamente 2.85% para mais ou para menos.